

O investidor brasileiro é conservador: uma pesquisa com os Docentes do Centro Ciências Administrativas da Universidade de Fortaleza

The Brazilian investor is conservative: a research with the professors of the Center of Administrative Sciences of the University of Fortaleza

Vivianne Pereira Salas Roldan¹, Ricardo Eleutério Rocha²

Resumo

No primeiro semestre de 2004, a poupança acumulou 3,83% de rentabilidade, enquanto os fundos DI e os CDB's se destacaram no mercado, com 7,56% e 7,70%, respectivamente (VIEIRA, 2004). Essa diferença, entretanto, não tem afetado muito as decisões do investidor brasileiro, cuja maior preferência é pela poupança, seguida pelos imóveis, fundos e, por último, as ações, em um comportamento tipicamente conservador, conforme pesquisa da Madia Mundo *Marketing* (CAMBA, 2004). O presente trabalho procura investigar o comportamento financeiro dos professores do Centro de Ciências Administrativas (CCA) da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, através de questionário fechado com 20 perguntas, aplicado com entrevista, no período compreendido entre abril e maio de 2004. A amostra abrangeu 55 docentes, e os dados coletados foram tabulados pelo *software SPSS 12.0 for Windows*. Prevaleceu entre os docentes pesquisados um perfil conservador, por possuírem a reserva/precaução financeira e a formação de patrimônio como principais objetivos financeiros. Verificou-se que 71% dos professores investem predominantemente em fundos de renda fixa, em detrimento dos fundos de renda variável. Também, 45,4% dos professores investem em poupança. Acredita-se que a formação acadêmica constitui importante fator de influência para as decisões de investimento, levando 45,4% dos pesquisados a diversificarem suas aplicações. Através desse estudo, foram levantadas como hipóteses para a aversão ao risco encontrada as limitações diferenciadas de cada indivíduo de acordo com o estágio do ciclo de vida, a propensão de não sacrifício do consumo imediato, e a falta de educação financeira com relação ao mercado de ações.

Palavras-chave: Finanças Pessoais. Educação Financeira. Investidor. Aversão ao risco.

Abstract

In the first semester of 2004, the savings account accumulated 3,83% of profitability, while the funds DI and the CDB's stood out at the market, with 7,56% and 7,70%, respectively (VIEIRA, 2004). However, this difference has not been affecting the Brazilian investor's decisions a lot, whose the larger preference is for the savings account, followed for the landed properties, funds and, last, the stocks, in a behavior typically conservative, according to research of Madia Mundo *Marketing* (CAMBA, 2004). The present work tried to investigate the financial behavior of the teachers of the Center of Administrative Sciences (CCA) of the University of Fortaleza - UNIFOR through closed questionnaire with 20 questions, applied with interview, in the period between April and May of 2004. The sample consisted of 55 teachers, and the collected data were tabulated by the software SPSS 12.0 for Windows. It prevailed among the researched teachers a conservative profile, for possessing the reservation/financial precaution and the patrimony formation as principal financial objectives. It was verified that 71% of the teachers invest predominantly in funds of fixed income, in detriment of the funds of variable income. Also, 45,4% of the teachers invests in savings account. It is believed that the academic formation was constituted in important influence factor for the investment decisions, taking 45,4% of those researched diversify their applications. Through of that study, they were lifted up as hypotheses for the risk aversion found, each person's differentiated limitations in agreement with the stage of the life cycle, the propensity of not sacrifice of the immediate consumption, and the lack of financial education with relationship to the stock market.

Keywords: Personal Finances. Financial Education. Investor. Risk Aversion.

¹ vivianne_rolدان@yahoo.com.br- Aluna do Curso de Administração de Empresas – 7º semestre – Universidade de Fortaleza. Realizando Monitoria na disciplina Mercado de Capitais I – CCA/UNIFOR.

² ricardor@unifor.br Economista e Professor do Centro de Ciências Administrativas - CCA da Unifor

³ Economista e professor da Wharton, Escola de Administração da Universidade da Pensilvânia dos EUA.

⁴ Professor titular em Finanças do Departamento de Administração da FEA-USP e professor das faculdades IBMEC.

1 Introdução

De acordo com Napolitano (2004), do posicionamento na relação risco/retorno, surgem três tipos de investidores: o conservador, o moderado e o agressivo. O investidor conservador é o avesso ao risco. Para ele é mais importante a segurança garantida pela aplicação do que o retorno esperado. Por isso, investe a maior parte do seu portfólio em ativos de renda fixa, como poupança, CDB's, entre outras aplicações, direcionando apenas 5% a 10% de seu capital em ativos de renda variável. Geralmente, é o indivíduo compromissado com terceiros com data e montante predefinidos, que busca garantir o resgate do capital investido (SANTOS; WILHELM, 2002).

Apresentando maior educação financeira que o conservador, o investidor moderado já não se satisfaz com o retorno limitado oferecido pelos ativos de baixo risco, procurando realizar aplicações diferenciadas, e um pouco mais arriscadas, para obter melhores rendimentos. Os fundos mais indicados para este tipo são os multiriscos, e as carteiras sugeridas são as compostas por títulos de renda fixa de longo prazo, com 10% a 35% do capital investido em ativos de renda variável (SANTOS; WILHELM, 2002).

A tolerância ou a propensão ao risco é o que caracteriza o investidor agressivo, que arrisca mais a fim de obter mais no longo prazo. Altamente familiarizado com o mercado financeiro, tem conhecimento de estratégias eficazes que lhe possibilitam superar as perdas e escolher as melhores alternativas. Aplica 10% do seu capital em títulos de renda fixa de alta liquidez, e o restante em ativos de renda variável de risco mais elevado, tais como ações de cunho especulativo ou de alta performance, operações alavancadas e com derivativos (CAVALCANTE FILHO; MISUMI, 2001).

Mas não é apenas a relação risco/retorno que determina o comportamento do investidor. Fatores como objetivo financeiro, idade, prazo, volume de recursos (CAVALCANTE FILHO; MISUMI, 2001), entre outros aspectos inclusive não-rationais, defendidos atualmente pela teoria de finanças comportamentais (BASSO; KIMURA, 2002), também afetam as decisões de investimento.

O presente trabalho tem o intuito de investigar o comportamento financeiro dos professores do Centro de Ciências Administrativas da Universidade de Fortaleza, na realização de aplicações em renda fixa e variável, fazendo correlações entre os fatores demográficos e comportamentais coletados para definição do perfil de investimento e comparação dos resultados com o comportamento dos investidores vigente no mercado de capitais brasileiro.

Tem, portanto, como objetivos específicos:

- Verificar o perfil de investimento que prevalece entre os pesquisados: conservador, moderado, agressivo;
- Identificar os objetivos financeiros que dirigem o seu comportamento em aplicações no mercado de renda fixa e variável;
- Analisar a relação de fatores como gênero, idade, estado civil, renda mensal e formação acadêmica, na determinação do perfil dos pesquisados, contextualizando os resultados no cenário do mercado atual.

Supondo-se a maioria dos docentes com formação acadêmica na área de ciências administrativas, acredita-se na composição de um perfil de investidor moderado, capaz de assumir riscos, e que aposta numa carteira mais diversificada. Outras hipóteses que serão verificadas no decorrer deste trabalho são a da teoria keynesiana que nos diz que a poupança cresce, à medida que se eleva a renda dos indivíduos; e a do estágio de ciclo de vida, que defende a tendência a um comportamento mais conservador, conforme o indivíduo se aproxime da faixa de idade mais avançada.

2 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva e explicativa, que não se detém apenas na apresentação das características do grupo estudado, mas procura explicar o comportamento identificado pela análise dos objetivos e fatores que o nortearam (ALEXANDRE, 2003). É de cunho quantitativo e qualitativo, procurando ir além da interpretação estatística dos resultados encontrados.

No primeiro semestre de 2004, o Centro de Ciências Administrativas contava com uma população de 155 professores, segundo dados da Diretoria de Planejamento da Unifor (UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, 2004). A pesquisa de campo, feita entre abril e maio do citado ano, abrangeu uma amostra de 55 docentes, para uma margem de confiança de 95% e erro de 8%, sendo realizada por meio de questionário fechado com 20 perguntas, aplicado com entrevista. Segundo Parra Filho; Santos (2000), é de fundamental importância a presença de um entrevistador no esclarecimento de dúvidas que possivelmente possam surgir, contornando os problemas inerentes ao uso de questionários, a fim de que a coleta de dados por amostragem não seja prejudicada. Para a tabulação dos dados, foi utilizado o *software* SPSS 12.0 for Windows, sendo importante ressaltar a presença de questões de múltipla escolha.

A interpretação dos dados coletados fez uso de um raciocínio comparativo (ALEXANDRE, 2003), pelo cruzamento das informações coletadas com as obtidas, através de pesquisa bibliográfica e documental, em livros, revistas e meio

eletrônico, acerca do perfil do investidor no mercado financeiro brasileiro, o que proporcionou uma melhor compreensão do comportamento do grupo pesquisado e o surgimento de novas hipóteses.

3 Análise dos Resultados

Como informações gerais, temos que a faixa etária dos pesquisados variou entre 28 a 67 anos, com maior concentração na idade de 55 anos. Até 50 anos de idade, se encontram 58,2% dos docentes. O sexo masculino predominou com 52,7%. Com relação ao estado civil, 63,7% dos professores são casados, possuindo mais da metade deles de 3 a 4 dependentes. Os solteiros representam apenas 14,5% da amostra. A titulação de mestre foi a que mais se destacou, representada por 72,7% dos docentes. A renda mensal dos pesquisados concentrou-se no intervalo de R\$ 2.000 a R\$ 8.000 (78,2%). Somente 18,2% possuem renda acima de R\$ 8.000, e 3,6% até R\$ 2.000. Quanto ao percentual de renda que poupam ou investem, 41,8% dos docentes responderam aplicar de 0% a 10%; 25,5% de 20% a 30% e apenas 9,1% de 10% a 20% e de 30% a 50%, cada qual. A frequência com que investem foi mensal para 50,9% dos professores, eventual para 27,3% e 14,5% deles disseram nunca poupar.

Diversas pesquisas de mercado apontam que o investidor brasileiro é conservador, destacando a poupança e os imóveis entre os ativos de maior preferência. Em 2001, a Consultoria Mckinsey, numa pesquisa realizada junto aos clientes do Banco do Brasil, com renda mensal acima de R\$ 4,4 mil, verificou que somente 14% deles investem em fundos, ficando os demais com a caderneta de poupança (LUCA, 2004). A Madia Mundo Marketing, em 2002, pesquisando 400 pessoas com renda mensal maior e igual a R\$ 4 mil e aplicação a partir de R\$ 50 mil, identificou que a maior parte investe em poupança e imóveis, sendo as mulheres as mais conservadoras em suas aplicações (CAMBA, 2004). No mesmo ano, em Curitiba, a Paraná Pesquisa, por solicitação da Gazeta do Povo, investigou os clientes do Banco do Brasil do estado (435 curitibanos), verificando que o perfil do investidor de poupança é “o de pessoas de idade, que já não têm paciência para acompanhar raciocínios complicados como cálculos e taxas de juros...”(BERALDO, 2004, p.1). Na pesquisa, 58,96% dos entrevistados do banco preferem a caderneta de poupança, seguidos por 11,32% que aplicam em fundos de renda fixa, e os demais em imóveis e dólar.

Na pesquisa com os docentes do Centro de Ciências Administrativas da Universidade de Fortaleza, a caderneta de poupança ocupa o segundo lugar na preferência dos pesquisados, pois 71% deles concentram suas aplicações em fundos, predominando os de renda fixa. Entre os 45,4% que preferem a caderneta de poupança, a maioria se encontra na faixa etária entre 28 e 44 anos. Os homens são os que mais investem em fundos, diferindo das mulheres, pois 60% delas têm maior preferência pela poupança, o que denota para elas um comportamento mais conservador (Tabela n.1). Estes dados estão de acordo com o principal objetivo financeiro apontado pelos pesquisados, que foi a precaução/reserva financeira (49,1%).

Os fundos de investimento que mais se destacaram foram os compostos pelo CDB (Certificado de Depósito Bancário), preferência de 27,5% dos docentes.

Tabela 1: Tipos de Aplicações Financeiras – Sexo (%)

TIPOS DE APLICAÇÕES	SEXO	
	Masculino	Feminino
1. Caderneta de Poupança	48%	60%
2. Fundos de Investimentos		
2.1 - CDB	37%	25%
2.2 - CDI	11%	10%
2.3 - Ações	11%	15%
2.4 - Dólar	11%	5%
2.5 - Hiperfundo Bradesco	4%	10%
2.6 - FIF	4%	0%
2.7 - Fundo DI	4%	0%
2.8 - Faq Platinum DI	0%	5%
3. Imóvel	33%	40%
4. Títulos Públicos	7%	0%
5. Títulos de Capitalização	19%	20%
6. Previdência Privada	15%	20%

7. PGBL	0%	5%
8. Futuro Programado – Bank Boston	0%	5%
9. Seguro	0%	10%
10. Negócio Próprio	4%	0%
11. Consórcio de Automóveis	0%	5%

Nota: Dados numéricos arredondados. Resultados de questão de Múltipla Escolha.

Tabela 2: Tipos de Aplicações Financeiras – Titulação (%)

TIPOS DE APLICAÇÕES	TITULAÇÃO			
	Especialista	Mestre	Doutor	Pós-Doutor
1. Caderneta de Poupança	71%	52%	40%	50%
2. Fundos de Investimentos				
2.1 - CDB	43%	27%	40%	50%
2.2 - CDI	0%	12%	0%	50%
2.3 - Ações	0%	15%	20%	0%
2.4 - Dólar	0%	15%	20%	0%
2.5 - Hiperfundo Bradesco	14%	3%	20%	0%
2.6 - FIF	0%	3%	0%	0%
2.7 - Fundo DI	0%	3%	0%	0%
2.8 - Faq Platinum DI	0%	0%	20%	0%
3. Imóvel	14%	39%	40%	50%
4. Títulos Públicos	0%	3%	20%	0%
5. Títulos de Capitalização	0%	21%	20%	50%
6. Previdência Privada	0%	12%	60%	50%
7. PGBL	0%	3%	0%	0%
8. Futuro Programado – Bank Boston	0%	3%	0%	0%
9. Seguro	29%	0%	0%	0%
10. Negócio Próprio	0%	3%	0%	0%
11. Consórcio de Automóveis	0%	3%	0%	0%

Nota: Dados numéricos arredondados. Resultados de questão de Múltipla Escolha.

Fonte: Pesquisa Direta

Realmente, não poderia deixar de ser assim. Primeiro, porque a taxa de juros no Brasil é alta, o que incentiva as aplicações em ativos de renda fixa. Segundo, porque seu mercado de capitais é ainda muito pequeno se comparado ao dos EUA, possuindo uma volatilidade que torna de elevado risco os investimentos em renda variável (NAPOLITANO, 2004). Qualquer oscilação brusca faz com que as aplicações tanto em ações, como em fundos, percam recursos para a poupança e ativos de renda fixa de baixo risco, como os CDB's. É o que ocorreu, por exemplo, no segundo trimestre de 2004, com eclosão do caso Waldomiro Diniz e a expectativa de elevação da taxa de juros nos EUA antes do esperado (FUNDOS, 2004).

A preferência por ativos de baixo risco em nosso país trata-se de uma questão cultural: “O brasileiro investe não no que considera mais rentável, mas no que lhe parece acessível e seguro” (CAMBA, 2004, p.2). Daí o mercado estar estruturado e voltado em grande parte para atender a esse público, oferecendo pouca variedade de ativos de renda variável. Essa cultura advém dos longos anos de turbulências e incertezas que subjugaram a economia brasileira, com sua herança de inflação, juros e carga tributária elevadas.

O segundo maior objetivo financeiro dos docentes foi à formação de patrimônio (18,2%), fazendo com que os imóveis ocupassem o terceiro lugar de sua preferência. A percentagem de professores que investem em imóveis, coletada na pesquisa, foi de 29,1%.

O imóvel é considerado por Halfeld (2001) um ativo de renda variável, possuindo riscos decorrentes da depreciação, juros altos em financiamentos de longo prazo, legislação, entre outros fatores que requerem do investidor bastante cuidado para que não saia perdendo neste tipo de investimento. O autor explica que este tipo de aplicação não é tão vantajoso nos dias de hoje, como o foi entre as décadas de 50 a 80, quando as altas taxas da inflação implicavam numa elevada valorização dos imóveis. Atualmente, os preços no mercado estão relativamente estáveis, a inflação está sob controle, o crescimento irrisório da economia nos últimos anos levou à queda do poder aquisitivo da população, o que fez com que o mercado imobiliário deixasse de ser tão rentável.

Entretanto, a preferência pelos imóveis permanece no gosto dos brasileiros, significando para eles maior segurança frente às incertezas políticas e econômicas do país (ARES, 2004). Além disso, afirma Halfeld (2001), este tipo de investimento tem como ponto positivo, o de disciplinar o investidor a não gastar a sua aplicação com despesas desnecessárias, como costuma ocorrer quando aplicamos na poupança, por exemplo.

Os títulos de capitalização, oferecidos por muitos bancos atualmente, inclusive o Bradesco, com oito modalidades do produto (ÊNFASE..., 2004), ganham o quarto lugar da preferência dos docentes do CCA, destacando-se entre 21% dos mestres (titulação de 72,7% dos professores). No total, 14,5% dos pesquisados investem nesses títulos. O fato de ser uma aplicação descontada diretamente na conta corrente contorna nos indivíduos a sensação de perda imediata, conforme explica Thaler (2002), segundo a visão da teoria das finanças comportamentais, afirmando que “[...] as pessoas tendem a dar um peso maior a supostas perdas imediatas do que à perspectiva de ganhos futuros” (2002, p.96). Essa tendência pode explicar a aceitação dos títulos de capitalização por um grande número de pessoas, como também a cultura, comum em nosso país, de tentar a sorte por uma premiação. Para Nascimento (2004), todavia, quem aplica em títulos de capitalização tem mais a perder do que ganhar. Apenas 1 em cada 1.856 desses títulos é sorteado, conforme pesquisa da Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e Capitalização (Fenaseg), realizada em 2002. Melhor seria, conforme o autor, apostar na loteria, cuja proporção do ganho é de 1 em cada 5, ou realizar outro tipo de investimento.

A participação em fundos de previdência privada pelos professores do CCA foi de 14,5%. Sobre a possibilidade de participar de um fundo de previdência privada mediado pela UNIFOR, 80% respondeu estar interessado. Segundo a Infomoney (2004), o mercado de previdência privada tem crescido muito, alcançando em outubro de 2004 um patrimônio líquido de R\$ 31,5 bilhões. Os planos empresariais e os dedicados aos jovens foram os que mais contribuíram para esse crescimento, caindo a idade média dos investidores do setor, de 35 para 30 anos (REBOUÇAS, 2004). Entre os professores pesquisados, os que realizam esse tipo de investimento estão representados por 40% do total de solteiros, e 13% dos casados (Tabela n.5), bem como por 25% dos com faixa etária entre 28 a 44 anos (Tabela n.3).

Os professores da UNIFOR, obtendo um fundo de previdência pela empresa na qual trabalham, ganhariam muito em termos de benefícios, pois os planos corporativos costumam ter um custo mais baixo que os individuais, como explica Tanaami (2004). Além disso, teriam a vantagem de poupar com suporte da instituição, que poderia inclusive oferecer planos com perfis distintos de investimento.

Na pesquisa junto aos docentes do CCA, apenas uma pequena parcela investe em fundos de ações e dólar, totalizando 11% cada qual, na representação daqueles que tiveram a rentabilidade/ganhos como objetivo financeiro predominante. Nesta parte, o dólar foi destaque entre os homens e as ações entre as mulheres. Os professores mais velhos (entre 58 e 67 anos – 20% do total) tendem a ser mais avessos ao risco, pois nenhum deles investe em ações. No total, 89% dos pesquisados não realizou esse tipo de investimento.

Tabela 3: Tipos de Aplicações Financeiras – Faixa Etária (%)

TIPOS DE APLICAÇÕES	IDADE		
	De 28 a 44 anos	De 45 a 57 anos	De 58 a 67 anos
1. Caderneta de Poupança	50%	50%	64%
2. Fundos de Investimentos			
2.1 - CDB	20%	38%	46%
2.2 - CDI	10%	13%	9%
2.3 - Ações	15%	19%	0%
2.4 - Dólar	5%	13%	9%
2.5 - Hiperfundo Bradesco	5%	13%	0%
2.6 - FIF	0%	6%	0%
2.7 - Fundo DI	0%	6%	0%
2.8 - Faq Platinum DI	5%	0%	0%
3. Imóvel	35%	50%	18%
4. Títulos Públicos	5%	6%	0%
5. Títulos de Capitalização	15%	31%	9%
6. Previdência Privada	25%	6%	18%
7. PGBL	0%	6%	0%
8. Futuro Programado – Bank Boston	5%	0%	0%
9. Seguro	0%	6%	9%
10. Negócio Próprio	0%	0%	9%
11. Consórcio de Automóveis	5%	0%	0%

Nota: Dados numéricos arredondados. Resultados de questão de Múltipla Escolha.

Fonte: Direta

Questionados quanto ao por quê da não aplicação em ações, 29,6% dos professores responderam que não investem por não sobrar renda, 27,8% devido ao risco elevado e 18,5% por desconhecimento. Demais motivos apontados foram “Falta de estímulo”(7,4%), “Perda/Prejuízo” (3,7%), “Mercado não é confiável”(3,7%), “Falta de tempo para acompanhar as aplicações” (3,7%), “Falta de oportunidade” (3,7%) e “Burocracia no resgate da aplicação” (1,9%).

Dentre os que responderam “não sobrar renda”, a maior fração é do sexo feminino, tem a titulação de Especialista e Mestre, possui um maior nº de dependentes (5 a 6 pessoas) e são casados. Também 28,6% dos que ganham acima de R\$ 8.000 deram essa mesma resposta, assim como 50% dos que têm renda entre R\$ 2.000 e R\$ 4.000, 25% dos entre R\$ 4.000 e 6.000, 10% dos entre R\$ 6.000 e R\$ 8.000 e a totalidade dos docentes com renda até R\$ 2.000.

Tabela 4: Renda Mensal – Sexo (%)

RENDA MENSAL	SEXO		Amostra
	Masculino	Feminino	
Até R\$ 2.000	0%	8%	4%
De R\$ 2.000 a R\$ 4.000	21%	35%	27%
De R\$ 4.000 a R\$ 6.000	35%	23%	29%
De R\$ 6.000 a R\$ 8.000	17%	27%	22%
Acima de R\$ 8.000	28%	8%	18%
TOTAL	100%	100%	100%

Nota: Dados numéricos arredondados.

Fonte: Pesquisa Direta

Estando a maioria dos docentes alocados na faixa de renda de R\$ 2.000 a R\$ 8.000 (Tabela n.4), e sendo possível atualmente investir em ações a partir de R\$ 100 (em um clube de investimentos, por exemplo), poder-se-ia deduzir que, talvez o que leva uma grande parte dos professores a não aplicar na bolsa de valores não seja a falta de renda, mas, na verdade, o desconhecimento. O mesmo pode ser observado no mercado brasileiro em geral, onde as pesquisas apontam o desconhecimento como um dos principais fatores que leva a não aplicação em ações, e sugerem a necessidade de um movimento maior das instituições financeiras a fim de contribuírem para a educação financeira dos investidores. Os

brasileiros têm uma percepção negativa com relação à bolsa de valores, que deve ser mudada: “[...] a visão que o cliente tem da bolsa é péssima. Sempre que ele entrou na bolsa, ele entrou para perder” (BOVESPA, 2002, p.37).

Contudo, as limitações pelas quais passam os investidores devem ser consideradas como fatores determinantes no processo de investimento (BODIE; KANE; MARCUS, 2000), estando relacionadas às circunstâncias diferenciadas que envolvem cada indivíduo, como as necessidades advindas do estágio de ciclo de vida: aposentadoria, casa própria, educação para os filhos etc. Conforme os autores citados, o investidor deve conciliar os seus objetivos com o que for viável. No caso dos professores em questão, deve-se ponderar esse ponto de vista, pois o fato de “não sobrar renda” pode estar justificado nos compromissos e exigências que têm que cumprir, principalmente junto aos seus dependentes.

Tabela 5: Tipos de Aplicações Financeiras – Estado Civil (%)

TIPOS DE APLICAÇÕES	ESTADO CIVIL			
	Solteiro	Casado	Divorciado	Outros
1. Caderneta de Poupança	80%	56%	33%	29%
2. Fundos de Investimentos				
2.1 – CDB	20%	38%	33%	14%
2.2 – CDI	20%	13%	0%	0%
2.3 – Ações	0%	19%	0%	0%
2.4 – Dólar	0%	13%	0%	0%
2.5 - Hipertubo Bradesco	40%	3%	0%	0%
2.6 - FIF	0%	3%	0%	0%
2.7 - Fundo DI	0%	3%	0%	0%
2.8 - Faq Platinum DI	20%	0%	0%	0%
3. Imóvel	20%	38%	33%	43%
4. Títulos Públicos	0%	6%	0%	0%
5. Títulos de Capitalização	20%	22%	33%	0%
6. Previdência Privada	40%	13%	0%	29%
7. PGBL	20%	0%	0%	0%
8. Futuro Programado – Bank Boston	0%	3%	0%	0%
9. Seguro	0%	0%	33%	14%
10. Negócio Próprio	0%	3%	0%	0%
11. Consórcio de Automóveis	0%	0%	0%	14%

Nota: Dados numéricos arredondados. Resultados de questão de Múltipla Escolha.

Fonte: Pesquisa Direta

Outro resultado interessante, apesar de representar uma pequena percentagem, foi a de 14,5% dos docentes que afirmaram “não poupar nada”, com renda entre R\$ 2.000 e R\$ 6.000 e acima de R\$ 8.000 (Tabela n.6). Aqui ainda pode ser incluída a probabilidade das limitações ou pode denotar um comportamento típico das pessoas: o de não querer sacrificar o seu nível de consumo atual, para garantir reservas para o futuro (HALFELD, 2001). Dos que disseram nunca poupar, 25% não possuem dependentes; 12,5% possuem 1 ou 2 dependentes; 25% de 3 a 4, e 37,5% de 5 a 6 pessoas. Apresentaram estes, portanto, um perfil distinto frente aos 51,4% dos professores casados, que, mesmo com 3 a 4 dependentes, pareceram mais dispostos a sacrificar parte do seu consumo imediato, investindo em praticamente todos os tipos de aplicações levantadas, chegando a aplicar 5% a 10% de sua renda (24,3%) e ainda 20% a 30% (27%). O índice de diversificação dos investimentos pelos docentes em geral foi de 45,4%. Os casados representam 67,3% do total de pesquisados, como já foi citado no início, estando entre eles a totalidade dos que têm como principal objetivo financeiro a rentabilidade/ganhos e dos que procuram elevar o padrão do consumo futuro (9,1% e 3,6% do total da amostra, respectivamente).

Com relação à renda mensal dos pesquisados, foi verificado que quanto maior a renda, maior tende a ser o número de aplicações e o percentual aplicado, confirmando a hipótese keynesiana de poupança (Tabela n.6 e n.7).

Tabela 6: Percentual da Renda que Poupa ou Aplica – Renda Mensal (%)

PERCENTUAL DA RENDA QUE POUPA/APLICA	RENDA MENSAL					Amostra
	Até R\$ 2.000	De R\$ 2.000 a R\$ 4.000	De R\$ 4.000 a R\$ 6.000	De R\$ 6.000 a R\$ 8.000	Acima de R\$ 8.000	
De 0% a 5%	50%	13%	19%	25%	0%	16%
De 5% a 10%	0%	13%	44%	33%	10%	26%
De 10% a 20%	0%	7%	0%	8%	30%	9%
De 20% a 30%	0%	27%	25%	17%	40%	26%
De 30% a 40%	0%	0%	0%	8%	10%	4%
De 40% a 50%	0%	13%	0%	8%	0%	6%
Não Poupa	50%	27%	13%	0%	10%	15%
TOTAL	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Nota: Dados numéricos arredondados.

Fonte: Pesquisa Pesquisa

Tabela 7: Tipos de Aplicações Financeiras – Renda Mensal (%)

TIPOS DE APLICAÇÕES	RENDA MENSAL				
	Até R\$ 2.000	De R\$ 2.000 a R\$ 4.000	De R\$ 4.000 a R\$ 6.000	De R\$ 6.000 a R\$ 8.000	Acima de R\$ 8.000
1. Caderneta de Poupança	0%	55%	57%	58%	44%
2. Fundos de Investimentos					
2.1 – CDB	0%	27%	14%	33%	67%
2.2 – CDI	0%	18%	0%	8%	22%
2.3 – Ações	0%	9%	0%	17%	33%
2.4 – Dólar	0%	9%	0%	8%	11%
2.5 - Hiperfundo Bradesco	0%	9%	14%	0%	0%
2.6 - FIF	0%	0%	0%	0%	11%
2.7 - Fundo DI	0%	0%	0%	0%	11%
2.8 - Faq Platinum DI	0%	0%	7%	0%	0%
3. Imóvel	0%	36%	29%	33%	56%
4. Títulos Públicos	0%	0%	0%	8%	11%
5. Títulos de Capitalização	0%	18%	14%	25%	22%
6. Previdência Privada	0%	0%	21%	17%	33%
7. PGBL	0%	9%	0%	0%	0%
8. Futuro Programado – Bank Boston	0%	0%	0%	0%	11%
9. Seguro	100%	9%	0%	0%	0%
10. Negócio Próprio	0%	0%	7%	0%	0%
11. Consórcio de Automóveis	0%	9%	0%	0%	0%

Nota: Dados numéricos arredondados. Resultados de questão de Múltipla Escolha.

Fonte: Pesquisa Direta

Considerações Finais

O contexto econômico brasileiro, nos últimos anos, tem colocado para os investidores um cenário promissor, em termos de investimentos em renda fixa, devido à permanência de uma taxa de juros elevada. Por esse motivo, conforme Halfeld

(2005), o interesse dos brasileiros por esse tipo de aplicação tem crescido, entretanto, ele alerta que essa questão deve ser melhor pensada, tendo em vista que nenhum governo consegue manter uma taxa elevada de juros, por muito tempo, pois isso incorrerá em aumento do déficit público, entre outras dificuldades para o país. Entre os docentes ora pesquisados, observou-se essa mesma propensão, que fez com que dessem maior preferência por ativos de renda fixa, em detrimento das aplicações em renda variável. O perfil de investimento que prevaleceu entre os pesquisados foi o de conservador, pela razão de possuírem a reserva/precaução financeira, bem como a formação de patrimônio, como principais objetivos financeiros. Apesar disso, acredita-se que a formação acadêmica dos pesquisados, se não contribuiu para que se encontrasse um perfil de investidor moderado ou até mesmo agressivo, destacou-se como importante fator de influência para as decisões de investimentos, que levou 45,4% dos pesquisados a diversificarem suas aplicações.

Pelo estudado, levantaram-se como hipóteses para a aversão ao risco encontrada as limitações diferenciadas de cada indivíduo relacionadas ao estágio do ciclo de vida, à propensão de não sacrifício do consumo imediato, e à falta de educação financeira relacionada ao mercado de ações.

Jeremy Siegel³ (2004), em uma análise de 200 anos do mercado financeiro dos Estados Unidos, demonstra que as ações foram os instrumentos que trouxeram o maior índice de rentabilidade para os investidores, durante todo esse período. Em comentário anexo ao exposto, Antônio Zoratto Sanvincente⁴ afirma que, em termos relativos, o mesmo ocorre em nosso país, relatando que, de janeiro de 1968 a setembro de 2004, o Ibovespa cresceu 12,9 vezes, já descontada a inflação medida pelo IGP-DI. Nesse ínterim, se em nosso mercado encontra-se uma maioria esmagadora de conservadores, existem, porém, conforme informa Grinbaum (2004), aqueles que, estando a par dos resultados positivos da Bolsa, compõem atualmente um movimento crescente de participação de pessoas físicas no mercado de ações, destacando-se, dentre eles, estudantes, profissionais liberais e executivos. De acordo com dados da Bovespa (2005), a participação de pessoas físicas no volume total nela negociado passou de 26,2% em 2003 para 27,5% em 2004.

Pelo apresentado acima, e voltando à questão da cultura e do nível de educação financeira, pode-se enfatizar que o movimento das instituições financeiras na divulgação de informações não só sobre o mercado de fundos, mas, sobretudo, acerca da Bolsa, é fator de fundamental importância para o combate à aversão ao risco predominante em nosso país. Pode-se também dizer que há a necessidade de que cada investidor abandone a inércia que os torna dependentes da orientação de consultores na área, e procure, por si mesmo, aprofundar seus conhecimentos sobre os mecanismos do mercado financeiro, de forma que estejam em suas mãos, e não na de terceiros, a responsabilidade pelo sucesso de seus investimentos.

Referências

- AALEXANDRE, Mario Jesiel de Oliveira. *A construção do trabalho científico: um guia para projetos, pesquisas e relatórios científicos*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2003.
- ARES, Benigno. *Investir em imóveis: quais as alternativas?* Disponível em: http://financenter.terra.com.br/Index.cfm/Fuseaction/Secao/Id_Secao/1871>. Acesso em: 30 jul. 2004.
- BASSO, Fernando Cruz; KIMURA, Herbert. Finanças comportamentais: investigação do comportamento decisório dos agentes brasileiros. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 27., Atibaia, 2003. *Anais...* Atibaia: ANPAD, 2003. p. 1-16. 1 CD-ROM.
- BERALDO, Marcelo. Curitiba é conservador até na hora de investir dinheiro. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 jun. 2002. Disponível em: <<http://www.milenio.com.br/milenio/noticias/ntc.asp?Cod=696>>. Acesso em: 30 jul. 2004.
- BODIE, Zvi; KANE, Alex; MARCUS, Alan J. *Fundamentos de investimentos*. 3. ed. Tradução Robert Brian Taylor. Porto Alegre: Bookman, 2000. Tradução de: *Essentials of Investments*.
- BOVESPA. *Resumo anual 2004*. Disponível em: <<http://www.bovespa.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2005.
- BOVESPA. Só o lucro pode atrair investidor. *Banco Hoje*, Rio de Janeiro, n. 156, p. 32-37, mar. 2002.
- CAMBA, Danielle. Ainda somos conservadores em Brasil. *Valor Econômico*, São Paulo, 16 jan. 2003. Disponível em: <<http://www.lavca.org/lavca/allpress.nsf/0/9521378443f669ae86256cbc007aceac?OpenDocument>>. Acesso em: 6 abr. 2004.
- CAVALCANTE FILHO, Francisco da Silva; MISUMI, Jorge Yoshio. *Mercado de Capitais*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- ÊNFASE no baixo risco dos CDBs. *Forbes Brasil*, São Paulo, v. 4, n. 89, p. 8, jun. 2004. Suplemento.

FUNDOS perdem R\$ 3,5 bilhões em junho. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 jul. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u86361.shtml>>. Acesso em: 30 jul. 2004.

GRINBAUM, Ricardo. Surpresa na bolsa. *Isto é Dinheiro*, São Paulo, n. 335, p. 76-78, fev. 2004.

HALFELD, Mauro. Apostar nos juros é fria. *Veja*, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 70-71, jan. 2005.

HALFELD, Mauro. *Investimentos: como administrar melhor seu dinheiro*. São Paulo: Fundamento Educacional, 2001.

INFOMONEY. Preocupados com o futuro, brasileiros direcionam mais recursos para previdência. *MSN Finanças Extra*, 07 out. 2004. Disponível em: <<http://www.msn.com.br/financas/extra/>>. Acesso em: 7 out. 2004.

LUCA, Leo de. Fundo de investimento ainda é desconhecido. *Gazeta Mercantil*. Disponível em: <http://financenter.terra.com.br/Index.cfm/Fuseaction/Secao/Id_Secao/1207>. Acesso em: 6 abr. 2004.

NAPOLITANO, Giuliana. Escolha o melhor fundo para você. *Exame*, São Paulo, p.12-15, ago. 2004.

NASCIMENTO, Roberto de. Cuidado com o título de “descapitalização”. *Diário Net*. Disponível em: <http://diarionet.terra.com.br/resposta_pagina_area.asp?area=4&codigo_noticia=7556>. Acesso em: 11 ago. 2004.

PARRA FILHO, Domingos; SANTOS, João Almeida. *Metodologia científica*. 3. ed. São Paulo: Futura, 2000.

REBOUÇAS, Lúcia. Receita de planos de previdência pode crescer 70%. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, n. 22886, p. B-2, ago. 2004. Disponível em: <<http://pdf.investnews.com.br/pdf/gzm/jornal/2004/08/20040803-1.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2004.

SANTOS, Luiz Carlos dos; WILHELM, Pedro Paulo Hugo. Investidor tradicional de renda fixa: perfil de risco e nível de preparo. *Revista de Negócios*, Blumenau, v. 7, n. 3, p. 39-48, jul./set. 2002.

SIEGEL, Jeremy. O futuro dos investimentos. *HSM Management*, São Paulo, v. 8, n. 47, p. 60-64, nov./dez. 2004.

TANAAMI, Kei Marcos. A empresa banca o futuro dela: aderir ao plano de previdência corporativo é uma ótima decisão para a sua aposentadoria. *Você S. A.*, São Paulo, v. 7, n. 78, p. 56-59, dez. 2004.

THALER, Richard. Por que é tão difícil poupar. *Você S.A.*, São Paulo, v. 5, n. 52, p. 94-97, out. 2002.

Recebido em: 15.5.2003.

Aprovado em: 15.8.2004